

CAPÍTULO 1



Prezada Lucy Silchester,

Você tem um compromisso na segunda-feira, 30 de maio.

NÃO LI O RESTO. Não precisava, sabia de quem era. Desde que cheguei em casa e vi aquilo no chão, entre a porta da frente e a cozinha, na parte queimada do carpete onde a árvore de Natal tinha caído (há dois anos, e as luzes chamuscaram os fios do carpete). O carpete era o que podemos chamar de algo velho e barato, escolhido pelo meu mesquinho senhorio, de um fio sintético cinza desbotado que parecia ter sido pisado por mais pés que os supostos testículos “da sorte” do touro do mosaico da Galeria Vittorio Emmanuele II, em Milão. Você poderia encontrar um tipo similar de carpete no meu escritório (um local mais apropriado, já que não seria pisado por alguém descalço), feito apenas para o tráfego constante de pés calçados por sapatos de couro brilhante se movendo do cubículo para a copiadora, da copiadora para a máquina de café, da máquina de café até a escada da saída de emergência para um cigarro sorrateiro, ironicamente o único local em que o alarme de incêndio falhava. Eu fazia parte da expedição para encontrar um lugar para fumar e, cada vez que o inimigo nos localizava, nós a recomencávamos e íamos em busca de um novo abrigo seguro. O local atual era fácil de se achar: centenas de bitucas amontoadas no chão marcando o território; suas almas sugadas por seus usuários com ansiedade, suas vidas flutuando pelos pulmões, enquanto seus corpos eram jogados, pisoteados e abandonados no chão. Era o lugar mais adorado do prédio: mais do que a máquina de café, mais do que as portas de

saída às 6 da tarde e, para a maioria, mais do que a cadeira por trás da mesa de Edna Larson (a chefe), que absorvia boas intenções como uma máquina de guloseimas quebrada, que engole suas moedas, mas falha em cuspir a barra de chocolate.

A carta estava lá, naquele chão desbotado e chamuscado. Um envelope de tecido creme com uma estupenda fonte George Street estampando meu nome com uma tinta preta *perfeita*; ao lado dele, um selo de ouro em relevo com três espirais unidas.



A tripla espiral da vida. Eu sabia o que era porque já tinha recebido duas cartas semelhantes e fui procurar o símbolo no Google. Não consegui agendar nenhum dos pedidos de encontro. Também não consegui ligar para o número fornecido para reorganizar ou cancelar. Ignorei o convite, o varri para debaixo do carpete ou o teria varrido se as luzes da árvore de Natal não tivessem colocado fogo no monte de pelo que costumava estar lá; esqueci tudo aquilo. Mas na verdade eu não tinha me esquecido de nada. Você nunca se esquece das coisas que fez e que sabe que não deveria ter feito. Elas ficam vagueando por sua mente, como um ladrão avaliando o local para um trabalho futuro. Você as vê ali, nas proximidades, espreitando de preto e branco listrado, saltando para trás das caixas de correio logo que sua cabeça vira para encará-las. Ou então é um rosto familiar, em meio a uma multidão que você vislumbra, mas então perde de vista. Um irritante *Onde está Wally?* sempre escondido em cada pensamento, em sua consciência. O que você fez de ruim sempre está lá, para que você não se esqueça.

Um mês após ignorar a segunda delas, chegou esta carta com outro compromisso remarcado e nenhuma menção às minhas faltas de resposta. Era como minha mãe, sua recusa educada em reconhecer meus defeitos fazia eu me sentir ainda pior.

Segurei aquele papel chique entre a ponta do polegar e do indicador, e me inclinei para lê-lo. O gato havia urinado nele de novo. Realmente irônico. Não o culpei. Minha posse ilegal de um animal de estimação em

um apartamento no centro da cidade e um trabalho em tempo integral significavam que o gato não tinha oportunidade de ir para fora para se aliviar. Em uma tentativa de me livrar da culpa, eu havia disposto fotografias emolduradas do mundo exterior pelo apartamento: a grama, o mar, uma caixa postal, pedrinhas, o tráfego, um parque, uma coleção de outros gatos e Gene Kelly. A última, obviamente, para servir às minhas necessidades, mas eu esperava que as outras pudessem dissipar qualquer desejo que ele tivesse de ir lá fora. Ou de respirar ar fresco, fazer amigos, se apaixonar. Ou de cantar e dançar.

Como estava fora cinco dias por semana desde as 8 horas da manhã, muitas vezes até as 8 horas da noite e, às vezes, sem voltar para casa, eu o havia treinado a “eliminar”, como o treinador de gatos dissera, no papel, para que ele pudesse se acostumar a usar sua caixinha de areia. E aquela carta, o único pedaço de papel deixado no chão, certamente o confundiu. Eu o vi passar, consciente do que tinha feito, pelo canto da sala. Ele sabia que tinha feito coisa errada. A culpa estava rondando em sua mente, o que ele fizera e sabia que não deveria ter feito.

Odeio gatos, mas gostei daquele. Eu o chamei de Senhor Pan, como Peter, o garoto voador. Senhor Pan não é um garoto que nunca envelhece nem, por incrível que pareça, possui a habilidade de voar, mas há uma estranha semelhança e me pareceu um nome apropriado naquele momento. Certa noite, ao descer por uma travessa, o encontrei ronronando como se em profunda angústia. Ou talvez fosse eu. O que eu fazia lá permanecerá em segredo, mas estava chovendo muito, eu estava usando um casaco bege e, depois do luto pela perda de um namorado perfeito, sob o efeito de muitas tequilas, fazia o meu melhor para encarnar Audrey Hepburn ao perseguir o animal e chamá-lo “Gato!”, em um tom claro e único, ainda que aflito. Era um gatinho de poucos dias de vida, que havia nascido hermafrodita. Sua mãe, ou seu dono, ou os dois, o rejeitaram. Embora o veterinário tivesse me informado que o gatinho tinha uma anatomia mais masculina que feminina, nomeá-lo me fez sentir como se assumisse a responsabilidade de escolher o sexo dele. Pensei em meu coração partido e na perda de uma promoção, pois minha chefe tinha o pressentimento de que

eu estava grávida (foi logo depois das festas de fim de ano e eu consumira um pequeno javali em um banquete estilo Tudor) e, além disso, eu passara por um mês particularmente horrível de dores de estômago; um mendigo havia me tocado tarde da noite no trem; e, quando tinha feito cumprir minha opinião no trabalho, fui chamada de vaca por meus colegas do sexo masculino. Portanto, decidi que a vida seria mais fácil para o gato se ele fosse um macho. Mas acho que tomei a decisão errada. Ocasionalmente, eu o chamo de Samantha ou Mary, ou de algum nome feminino, e ele me olha como se me agradecesse, antes de se sentar em um dos meus sapatos e olhar melancolicamente para o salto e para o mundo de que fora privado. Mas só estou divagando. Voltando à carta...

Eu teria que responder ao compromisso dessa vez. Não havia outra saída. Não podia ignorá-lo; não queria irritar ainda mais o remetente.

Então, quem era o remetente?

Segurei o papel pelo canto e novamente me inclinei para lê-lo.

Prezada Lucy Silchester,

Você tem um compromisso na segunda-feira, 30 de maio.

Com os melhores cumprimentos,

Vida

A Vida. Ora, era óbvio.

Minha vida precisava de mim. Ela estava passando por um momento difícil e eu não estava prestando atenção suficiente nela. Tinha tirado os olhos da bola, me ocupei com outras coisas: vida de amigos, questões de trabalho, meu carro se deteriorando e sempre quebrando, esse tipo de coisa. Havia completa e totalmente ignorado minha vida. E agora ela tinha escrito para mim, me convocando, e havia apenas uma coisa a fazer. Tinha que me encontrar com ela, cara a cara.

CAPÍTULO 2



JÁ TINHA OUVIDO FALAR sobre esse tipo de coisa, por isso não fiz um grande drama. De qualquer maneira, geralmente eu não fico muito animada com as coisas, não sou assim. Não sou facilmente surpreendida também. Acho que é porque acredito que tudo pode acontecer. Isso me faz soar como uma religiosa, o que não sou. Deixa eu me expressar melhor: aceito as coisas que acontecem. Todas as coisas. Assim, minha vida escrevendo para mim, embora fosse incomum, não era surpreendente. Era mais uma inconveniência. Eu sabia que isso demandaria muito da minha atenção em um futuro próximo e, se fosse algo simples para mim, provavelmente não teria recebido as cartas.

Bati com uma faca no gelo do congelador e recuperei uma torta de queijo cottage com minha mão já azul. Enquanto esperava que o micro-ondas soasse, comi uma torrada. Em seguida, tomei um iogurte. Ela ainda não estava pronta, então lambi a tampa. Decidi que a chegada da carta me dera permissão para abrir uma garrafa de Pinot Grigio. Esfaqueei o restante do gelo do congelador, enquanto o Senhor Pan corria para se esconder em uma bota de borracha cor-de-rosa, decorada com corações e ainda coberta da lama seca de um festival de música de verão que ocorrera há três anos. Tirei uma garrafa de vinho que havia me esquecido de retirar do congelador e que, agora, era um bloco sólido congelado de álcool, e a substituí por uma nova garrafa. Não queria me esquecer dessa. Não devia. Era a última garrafa deixada na adega de vinho do armário, sob a prateleira com o pote de biscoitos. O que me lembrou biscoitos. Também comi um

biscoito de chocolate com recheio duplo enquanto esperava. Em seguida, o micro-ondas apitou. Despejei a torta em um prato: uma grande pilha bagunçada e nada apetitosa de mingau, ainda fria no meio, mas não tive paciência de colocá-la de volta e esperar trinta segundos a mais. Comi em pé diante do balcão e dei uma cutucada nas partes quentes ao redor das bordas.

Eu costumava cozinhar. Costumava cozinhar quase todas as noites. Nas noites em que não o fazia, meu então namorado cozinhava. Nós gostávamos disso. Morávamos em um apartamento grande em uma fábrica de pão convertida, com janelas do teto ao chão, com grades de aço e a alvenaria original exposta na maioria das paredes. Nós tínhamos uma “cozinha-e-sala-de-jantar” em plano aberto e, quase todo fim de semana, recebíamos nossos amigos. Blake amava cozinhar, amava entreter, adorava a ideia de todos os nossos amigos, e até mesmo a família, se juntarem a nós. Ele adorava o som de dez a quinze pessoas rindo, conversando, comendo, debatendo. Amava os cheiros, o vapor, os “oohs” e “aahs” de prazer. Ficava na cozinha e contava histórias com perfeita entonação enquanto cortava uma cebola, derramando o vinho tinto em um *buf bourguignon* ou flambando um *baked alaska*. Nunca media os ingredientes e sempre conseguia o equilíbrio perfeito. Ele conseguia o equilíbrio perfeito de tudo. Era um escritor de gastronomia e de viagens, e adorava ir a todos os lugares e degustar cada coisa. Era um aventureiro. Nos fins de semana, nós nunca ficávamos parados, subíamos essa e aquela montanha. Durante o verão, viajávamos para países dos quais eu nunca tinha ouvido falar. Pulamos de paraquedas duas vezes e já havíamos pulado de *bungee-jump* três vezes. Ele era perfeito.

E ele morreu.

Não, estou só brincando, ele está perfeitamente bem. Vivo e bem. Piada cruel, eu sei, mas eu ri. Não, ele não está morto. Ele ainda está vivo. Ainda é perfeito.

Mas eu o deixei.

Ele tem um programa de televisão agora. Assinou o contrato quando ainda estávamos juntos. Passa em um canal de viagens a que nós dois cos-

tumávamos assistir o tempo todo e no qual, agora, eu sintonizo sempre e o vejo caminhando na Grande Muralha da China ou sentado em um barco na Tailândia comendo *pad thai*. E sempre, após seu resumo com linguajar perfeito, em sua roupa perfeita, mesmo após uma semana escalando montanhas, defecando no mato e sem tomar banho, ele olha para a câmera com seu rosto perfeito e diz: “Queria que você estivesse aqui”. Esse é o nome do programa. Ele me disse, nas semanas e meses que se seguiram à nossa separação traumática, enquanto chorava ao telefone, que o nomeou para mim; que a cada vez que ele dissesse aquilo, estaria falando comigo, somente comigo, jamais com outra pessoa. Ele me queria de volta. Ligou todos os dias. Depois, a cada dois dias. Finalmente, uma vez por semana, e eu sabia que ele estivera lutando com o telefone por dias, tentando esperar por aquele momento para falar comigo. Finalmente, ele parou de ligar e passou a me mandar e-mails. Longos e-mails que detalhavam onde estava, como se sentia sem mim, tão deprimidos e solitários que não os li mais, nem os respondi. Então, seus e-mails ficaram mais curtos. Menos sentimentais, menos detalhados, mas sempre me pedindo para encontrá-lo, sempre me pedindo para que ficássemos juntos novamente. Fiquei tentada, não me interpretem mal, ele era um homem perfeito, e ter um homem belo e perfeito desejando você às vezes é suficiente para querer tê-lo de volta, mas só senti isso nos momentos de fraqueza da minha própria solidão. Eu não o queria. Não era porque conhecera outra pessoa, eu disse a ele várias vezes, mas acho que, talvez, tivesse sido mais fácil se eu fingisse ter outro namorado, pois, então, ele seguiria em frente. Eu não queria mais ninguém. Realmente não queria mais nenhum outro. Queria parar por um tempo. Queria parar de fazer as coisas e parar de me mover. Só queria ficar na minha.

Larguei meu emprego e consegui um novo, em uma empresa de aparelhos domésticos, com a metade do salário. Nós vendemos o apartamento. Aluguei esse apartamento-estúdio, com um quarto do tamanho de qualquer outra casa que já tive. Encontrei um gato. Alguns diriam que eu o roubei, no entanto, ele(a) me pertence agora. Visito minha família quando estou sob a mira de um revólver, saio com os mesmos amigos nas noites em que ele não estará junto (meu ex-namorado, não o gato), o que ocorre

na maioria das vezes, agora que ele está viajando muito. Quase não sinto a falta dele, mas, quando sinto, ligo a TV e tomo uma dose suficiente dele para me sentir contente novamente. Não sinto falta do meu trabalho. Sinto um pouco a falta do dinheiro quando vejo algo que eu quero nas lojas ou em uma revista, mas, então, saio da loja ou viro a página e consigo superar a vontade. Não perco o programa de viagens. Não perco os jantares.

E não sou infeliz.

Eu não sou.

OK, eu menti.

Ele me deixou.